

MURILO RUBIÃO EM CURTA-METRAGEM. UMA LEITURA DE “O BLOQUEIO” DE CLÁUDIO DE OLIVEIRA

**Ricardo Iannace
Prof. Doutor
UMESP**

RESUMO

Este artigo aborda o conto “O bloqueio” de Murilo Rubião e o curta-metragem, de título homônimo, dirigido por Cláudio de Oliveira. O exame dessa adaptação cinematográfica se atém ao deslocamento dos componentes que integram a narrativa de Murilo Rubião, identificando, nessa releitura, o fantástico e a obsessiva reescrita do autor mineiro. A correlação entre Literatura e Arquitetura é, em dada medida, também contemplada no curso deste texto.

PALAVRAS-CHAVE: Murilo Rubião, Fantástico, Adaptação, Simulacro.

ABSTRACT

This article approaches the short story "Bloqueio" ("Blockade") by Murilo Rubião, and the short movie, with the same title, directed by Cláudio de Oliveira. The analysis of the cinematographic adaptation will be concentrated on the displacement of the components that integrate Murilo Rubião's narrative, by identifying in that re-reading the fantastic and the obsessive re-writing by this Brazilian writer from Minas Gerais. This text will contemplate also the correlation between Literature and Architecture to some extent.

KEYWORDS: Murilo Rubião, Fantastic, Adaptation, Imitation.

O Bloqueio, conto de Murilo Rubião inserido no volume **O Convidado** (1974), pertence, como as demais narrativas do autor, à categoria do fantástico. Índices ligados à ordem do onírico nele se pronunciam, selando uma amistosa cumplicidade entre texto e leitor, a quem os absurdos incidentes confiam recepção diferenciada. Inverossímil e insólito, o relato não oferece visos de verdade, estranho a toda e a qualquer referência que delinear a medida do real.

Gérion, esse é nome do protagonista, encontra-se instalado em edifício recém-construído. Incomoda-lhe o barulho intermitente que ultrapassa a porta e as janelas do seu apartamento, anunciando reformas à alta hora da madrugada: sons emitidos por maquinário, como os “produzidos pelas raspadeiras de assoalho” e serra elétrica. E se algumas vezes assumem a proporção de ruídos, pouco elevados e longínquos, outras vezes se lançam graves, estrondosos: “Ouvia, a espaços, explosões secas, a movimentação de uma nervosa britadeira, o martelar compassado de um pilão bate-estaca”; a ponto de se perguntar: “Estariam construindo ou destruindo?” (RUBIÃO, 1998, p.246). Pois trepidam chão e vidros do quarto onde se recolhe a personagem que na tarde seguinte interfona à portaria, assegurando-lhe o síndico que o inconveniente não passaria de três dias. Surpreende-se ainda com a gratuita informação de que é, no prédio, o único inquilino.

Nesse e em outros contos de Rubião, o imprevisto vem caracterizar diálogos ambíguos em que a *não explicação* ou mesmo o *mal-entendido* se inscrevem aos fatos sucessivamente agravados pela excepcionalidade do circunstancial — já que reincidentem, na interlocução, falas inconclusas ou de viés ilógico, a confirmar o que Davi Arrigucci Jr. chama na contística do autor de “cadeia de equívocos” (ARRIGUCCI, 1987, p.149), figurando a impossibilidade de personagem e narrador se furtarem dos entraves que exaustivamente os cercam.

Elementos próprios do fantástico se acomodam no conto. O aposento que a personagem passa a ocupar é escuro; e soma-se a essa sugestiva nebulosidade, um outro fator: Gérion, no início da história, apreende tal onda de sons enquanto dorme, sendo-lhe o sono interrompido, pela segunda vez, ao despertar de um pesadelo quando “serrado na altura do tórax”. Portanto, o real e o ilusório medem força em “O Bloqueio”, prevalecendo, nessa colisão, o quimérico, que gradativamente anuvia a estrutura da intriga.

A personagem assiste a ocorrências inexecutáveis. Constata que os andares superiores de seu apartamento foram demolidos, por isso aquele estardalhaço da véspera, a avançar pelas primeiras horas do dia: “o matraquear de várias brocas e pouco depois estalos de cabos de aço se rompendo, o elevador

despencando aos trambolhões pelo poço até arrebentar lá embaixo”; a seguir, “estalidos”, “o rascar irritante de metais e concreto.” (RUBIÃO, 1998, p. 246). Ainda que desaparecidos esses pavimentos, persiste o ressoo: as reformas do prédio migraram-se para os pisos inferiores. E a cena que ilustra essa confirmação é surreal. Declinados oito andares, Gérion topa o precipício: a escada termina “abruptamente”, ficando a personagem com um dos pés “solto no espaço”. Abaixo: “o terreno limpo, nem parecendo ter abrigado antes uma construção. Nenhum sinal de estacas, pedaços de ferro, tijolos, apenas o pó fino amontoado nos cantos do lote.” (RUBIÃO, 1998, p. 249). Pó semelhante ao que restara da plataforma acima desmoronada.

Admirável é a escrita que traduz essa rede de conluio: direta, enxuta, de uma clareza única. Daí o sobressalente “contraste entre a particular coerência do discurso narrativo, minucioso e imperturbável, e a particular incoerência da matéria narrada, isto é, dos acontecimentos extraordinários que constituem a trama esquemática de cada história” (NUNES, 1945, p.75), segundo Benedito Nunes. Pautados por tal rigor, vocábulos e fluxo sintático chancelam harmoniosa correspondência, impedindo que ruídos — exceto os subjacentes ao enredo — comprometam a cadência rítmica do texto, cuja acústica se opõe à penetrante toada que persegue e desestabiliza Gérion.

Deve-se-lhe a transferência para o edifício a certa recusa de compromissos, preferindo o isolamento à companhia da esposa Margarerbe, gorda e endinheirada, que, para espanto do novo morador, descobre o seu telefone, reclamando-lhe a presença. Ouve, também do outro lado da linha, o apelo da filha, Seatéia, que, sob as reprimendas da mãe, deixa-o inseguro quanto à sua decisão. Todavia, um retorno ao lar seria impraticável: as chances de escapar daquele prédio abreviam-se minuto a minuto. A propósito, o fio telefônico vem precisar essa progressiva interdição, logo destruído por repentina “corrente luminosa” que faz com que “durante segundos uma poeira colorida” paire no ar. “Fechava-se o bloqueio” (RUBIÃO, 1998, p. 249) — atesta o narrador.

Bloqueio, diga-se, bastante próximo do que Kafka concebeu; ou seja, um circuito de contingência arquitetônica, humana e animal oclusivo e intransponível. Razão por que a crítica aproxima a literatura muriliana da literatura do autor tcheco, aliás anônimo para Rubião até escrever o seu primeiro livro, **O ex-mágico**, de 1947.

Gérion e Gregor, a personagem central de **A metamorfose**, são realmente eleitos à desventura, comprimidos em um espaço cerrado que lhes anima as faculdades auditivas. Não com a força operada na novela “A construção”, cuja densidade kafkiana resulta sobretudo da persistência de um aparente

inseto à escuta de obscuros rugidos que possam significar ameaça à sua sobrevivência nas camadas mais submersas da terra. Independentemente, é em **A metamorfose** que o sonho tangencia a realidade:

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranqüilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.(...) Não era um sonho. Seu quarto, um autêntico quarto humano, só que um pouco pequeno demais, permanecia calmo entre as quatro paredes bem conhecidas. (KAFKA,1993, p.7)

O protagonista de Murilo Rubião está longe de se transformar num espectro rastejante. Em “O Bloqueio”, o espectro é outro: atroz, oculto e invencível na tarefa de obstruir primeiramente o entorno do locatário que não tem por onde escapar, impotente à *máquina* — irremovível e ignorada, alegorizando a *morte* pré-inscrita na epígrafe bíblica extraída de *Isaiás*, que abre e de certo modo direciona a leitura do conto, como na observação do síndico, ao adiantar o tempo que durariam as reformas no edifício, num tom suspeito de profecia.

Eis que, nas últimas linhas do texto, os ruídos ganham “brandura e constância, fazendo-o acreditar que em breve encheriam o apartamento.” Depois, “custava-lhe conter o impulso de ir ao encontro da máquina”, “descobrir os segredos que a tornavam tão poderosa”. Contudo, ela “persistia em se esconder, não sabendo ele se por simples pudor ou se porque ainda era cedo para mostrar-se, desnudando seu mistério”. Temeroso: “Cerrou a porta com a chave.” (RUBIÃO, 1998, p. 251).

*

Em 1998, Cláudio de Oliveira dirige, e Fernando Rabelo roteiriza e anima, o curta-metragem com 11 minutos de duração, em preto e branco, de título homônimo do conto de Murilo Rubião¹. Origina-se como trabalho final do curso de Cinema e Animação da Escola de Belas-Artes da UFMG. Em 2000, consagra-se na categoria *Finalização*, ao participar do “I Prêmio Estímulo ao Curta-metragem em Minas Gerais”, e em 2003 é premiado como o melhor filme de animação no “7º Festival de Cinema e Vídeo de Curitiba”.

Murilo Rubião, falecido em 1991, converte-se em Gérion na criação experimental de Cláudio de Oliveira. É personagem, portanto, da adaptação que duplamente o homenageia, ao reeditar em outro signo a narrativa muriliana e ao fazer ressurgir o escritor por meio da animação de fotos do seu rosto sobrepostas ao corpo do ator que o representa no vídeo. Acrescente-se que, na releitura, o conto é inevitavelmente reescrito. E a reescrita fora um exercício caro e obsessivo a Rubião, tornando-se

¹ O vídeo está disponível em www.portacurtas.com.br; o acesso é gratuito.

anedóticos, entre críticos e amigos, os 26 anos que perduram a composição do texto **O convidado** (CAMPOS, 1980).

Fiel à narrativa, o filme **O Bloqueio** contempla o fantástico — impresso no claro-escuro das imagens, na inserção de um rato percorrendo cenário inóspito de performance labiríntica, nas nuvens negras que planam sobre o edifício de ostensiva verticalidade, com escadas e corredores sombrios, na investida ao desconforto do espectador, que se depara com a colagem do rosto de Rubião em movimentos mecanicamente articulados, esbugalhados os olhos do escritor atrás das lentes grossas dos óculos; enfim, na dicção do vídeo preponderantemente tomado por rumores e estouros vários que chegam de pontos indeterminados (ronronar de gato, buzinas e freadas de automóveis, sirena de ambulância, tiro...); barulhos em dimensão atordoante, provindos, na maior parte, da demolição do prédio onde Gérion se abriga. Com efeito, ao silêncio do recluso locatário que rodopia num espaço limitado, tal qual personagem de cinema mudo, contrapõe-se o externo desconcerto sonoro.

Som e imagem estão em consórcio nessa produção. Cláudio de Oliveira, em monografia que descreve o processo de elaboração do seu curta-metragem, afirma que a sonoridade do filme se eleva à condição de personagem, e que do montante de mais de 100 fotografias obtidas no Acervo de Escritores Mineiros da Biblioteca da UFMG, entre 15 e 20 foram utilizadas para animar as cenas em que Gérion se mobiliza. Além delas, estão presentes no vídeo as fotos de Murilo Rubião quando jovem e criança, em família, resgatando-se, assim, um passado hoje arquivado.

Tais imagens saltam à tela nos minutos finais do curta-metragem, num aceno alusivo à vida e morte do autor/personagem, exposto a um curioso simulacro. De resto, a memória de Rubião é potencializada ante a presença da sua máquina de escrever, cujas teclas não cessam, apressadas e ininterruptas, em sintonia com os estalos estridentes que emanam do edifício. E sobre a escrivaninha de Murilo Rubião estão manuscritos e páginas datilografadas de “O Bloqueio”: alterações a caneta, palavras riscadas, rasuradas... Sinais permutáveis da sua escrita. Vê-se um livro revestido em encadernação escura, à maneira dos aproximados 5 mil volumes que lhe ocupavam as estantes; há algumas balas de revólver, encontradas entre os objetos pessoais do autor, não mais em sigilo. A inclusão desses projéteis no filme, revela Cláudio de Oliveira, é por influência de Hitchcock. Mas será que o mestre do suspense não o inspirou, de algum modo, na escolha do edifício onde é gravado o curta-metragem?

Trata-se do Edifício Acaiaca, situado na Praça Sete de Setembro, centro de Belo Horizonte. A panorâmica remete para a ambientação urbana: acelerada e hostil. Aliás, Giulio Carlo Argan, em sua **História da arte como história da cidade**, nota que “os projetistas da cidade do futuro (...) parecem ter horror ao plano, ao nível natural do terreno, aquele que sempre foi concebido como o plano da terra, da vida”, elevando a cidade “a alturas vertiginosas” (ARGAN, 1993, p.215). Altura retratada nas produções de Murilo Rubião e de Cláudio de Oliveira, deixando o filme — assinala o diretor — “mais impactante, principalmente nas cenas do prédio cortado” (OLIVEIRA, 2003, p.40); um quadro amedrontador, e não menos pontual, ao sinalizar a condição do sujeito contemporâneo que habita arranha-céus.

Porque o Gérion que armazena e consome enlatados, que acorda em pânico, salvo do pesadelo com a serra elétrica, espelha a metafórica bipartição da torre suspensa no vazio, irreverente às leis da Física — bloco fragmentado, solto e indefeso em meio a tantos edifícios. Por extensão, a arquitetura desmedida que rui, no curta-metragem, reflete o homem frágil e esfacelado — o morador solitário da metrópole. E graças aos efeitos de imagem, um turvejar que se distende em sombra e em luz, a fronteira entre o fantástico e o real se faz ainda mais falaciosa. Desmantela-se o Acaiaca, edifício belo-horizontino resistente ao tempo, vivo na memória de condôminos e de inúmeros indivíduos que trafegam pela capital mineira. Afinal, observa Le Corbusier em seu **Por uma arquitetura**, o olho do transeunte move-se com regularidade “em um espaço feito de ruas e de casas. Recebe o choque dos volumes que se elevam à volta” (CORBUSIER, 2000, p.37). Em se tratando de um contexto ameaçador, borra-se, de fato, todo e qualquer traçado que vise ignorar a correlação do ficcional com o concreto.

A vida é singularmente recuperada na produção de Cláudio de Oliveira, já que o ator/dublê do curta-metragem se permite passar pelo escritor (Murilo Rubião) da história que representa. Nas primeiras cenas do filme, dublê e Rubião — dois em um — aparecem minimizados no alto do prédio, figurando na longínqua janela do apartamento. Ao longo do vídeo, é possível retomar o contista por enquadramentos fotográficos que justificam a passagem do tempo (semblante marcado, menos viçoso, aumento da calvície), estampando a transitoriedade do homem Murilo. Nessa sequência, há um episódio curioso: Gérion, ao alcançar a laje superior do prédio, topa ao fundo, de relance, um vulto, que é na verdade a réplica de corpo inteiro do escritor (outra reprodução fotográfica à mostra no acervo da Biblioteca da UFMG), intensificando a atmosfera soturna que emanta a narrativa fílmica.

Com certeza, a aproximação e o distanciamento da câmara, senão o close e a abertura das lentes para o *nada*, sobretudo quando Gérion caminha pelo corredor interno do edifício, permitem reconhecer nessa personagem taciturna a função de narrador. Noutros termos, o ponto de vista em terceira pessoa, no conto, parece alterar-se para a primeira pessoa na escritura de Cláudio de Oliveira, conferindo-lhe um suspense que a torna mais íntima do fantástico.

Tal cadeia de imagens expande sombras e acirra o simulacro: o ator/dublê tem rosto encoberto; Murilo Rubião, *in memoriam*, tem a sua história reanimada e recapitulada; a narrativa fantástica irrompe do suporte livro, redefinindo-se na linguagem do cinema; e o edifício, idealizado na literatura muriliana, ganha um paradigma, já que o Acaiaca atende ao sonho e às expectativas do diretor de **O Bloqueio**.

Devido a tantas trocas e deslocamentos, não é à toa que a epígrafe bíblica tradicionalmente inscrita no início dos contos de Murilo Rubião vá parar no final do curta-metragem de Cláudio de Oliveira — aceno esse respeitoso ao autor de “O ex-mágico”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ARRIGUCCI Jr.,Davi. **Enigma e comentário**. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CAMPOS, Paulo Mendes. Um conto de vinte e seis anos. In: ____ **Os bares morrem numa quarta-feira**. São Paulo: Ática, 1980.

CORBUSIER, Le. **Por uma arquitetura**. Trad. Ubirajara Rebouças. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Trad. Modesto Carone. 13.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O artista da fome e A construção**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NUNES, Benedito. O Convidado. In: **Revista Colóquio**, n. 28, Lisboa, nov. 1975.

OLIVEIRA, Cláudio Luiz de. **O Bloqueio**. Curta-metragem. Roteiro e animação de Fernando Rabelo. Belo Horizonte, 1998.

OLIVEIRA, Cláudio Luiz de. **Método e escritura da montagem: reflexões sobre arte, tecnologia e pensamento**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes–UFMG, 2003 (monografia mimeo.).

RUBIÃO, Murilo. **Contos Reunidos**. São Paulo: Ática, 1998.